

Uma Aproximação à Hermenêutica Bíblica de Paul Ricoeur

Juliano de Almeida Oliveira

Mestrando / PUC-São Paulo / Filosofia

O presente trabalho pretende apresentar algumas contribuições de Paul Ricoeur à hermenêutica bíblica e teológica, a partir do estudo dos textos do autor reunidos na terceira seção da obra **A hermenêutica bíblica**¹, uma coletânea de vários artigos, publicada postumamente.

Não é demais afirmar que Ricoeur (1913-2005)² é reconhecido como um dos maiores nomes da Filosofia da segunda metade do século XX e dos inícios do século XXI. Trata-se de alguém que, a partir da fenomenologia, soube dialogar com as mais variadas correntes do pensamento filosófico de seu tempo, elaborando uma reflexão cada vez mais autônoma, de cunho hermenêutico. Além disso, não descartou em sua vasta produção intelectual o que chamou de fontes não-filosóficas da Filosofia, como o mito, a poesia, a religião, as conquistas da psicanálise. Sobretudo, interessou-se pelo fenômeno da linguagem, particularmente em sua forma narrativa; pela hermenêutica do símbolo que, em sua famosa sentença, sempre *donne à penser*; pelo problema/mistério do mal em suas várias conotações; por questões contemporâneas, em que se destacam aquelas políticas.

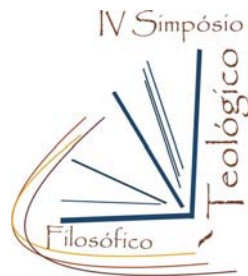
Para que se possa conhecer um pouco melhor o modo de pensar de Paul Ricoeur, é conveniente que se atente a um símbolo da atividade filosófica, conforme ele a entendia. Para tanto, Ricoeur escolheu uma obra de Rembrandt intitulada *Aristóteles contemplando um busto de Homero*³. Aristóteles está representado, com roupas da época de Rembrandt, tocando um busto pétreo de Homero, o grande poeta grego. Para Ricoeur, o filósofo nunca começa do

* Professor do Bacharelado em Filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre-MG.

¹ Cf. P. RICOEUR, **A hermenêutica bíblica**. Apresentação de F.-X. Amherdt. Tradução de P. Meneses. São Paulo: Loyola, 2006.

² Para dados biobibliográficos sobre Ricoeur, cf. S. G. FRANCO, **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**, p. 25-52.

³ Cf. P. RICOEUR, **O único e o singular**, p. 51-54.



nada e também não começa da própria Filosofia: começa do não-filosófico, aqui, do poético. Este permanece como inalterável. O filósofo, ao contrário, vivo e portador de indumentária contemporânea, representa a própria Filosofia, sempre atual, sempre chamada a dar interpretações. O filósofo toca a estátua: sua prosa conceitual está ligada à poesia. Contudo, Aristóteles não contempla o busto de Homero: tocando-o, olha para além dele. Olha para algo que não é a própria Filosofia – a verdade ou o ser? Quem sabe?

Pendurada à cintura de Aristóteles há uma medalha de Alexandre Magno, o conquistador de muitos povos, discípulo do Estagirita. Além de preceptor de Alexandre, Aristóteles foi um grande pensador da política, na qual se tornaria completa a ética. No pano de fundo da relação entre filosófico e não-filosófico está sempre presente o político, como aquela instância que proporciona que o discurso do poeta e do filósofo possa ter lugar na sociedade ordenada retamente. O filósofo não pode continuar sua reflexão sobre a palavra poética sem manter uma relação ativa com o âmbito político.

Assim Ricoeur concebe o modo de se fazer Filosofia: ela precisa ser descentrada, em diálogo constante com o não-filosófico, sem deixar de lado a referência ao político. Sua produção filosófica enfatiza o sujeito humano, um sujeito que não é tomado como elemento central, como em Kant, mas aberto às várias alteridades. Por isso, pode seu pensamento ser considerado uma “filosofia do *cogito* ferido”⁴, a partir de uma expressão do próprio autor no Prefácio de *O si-mesmo como um outro*⁵.

Paul Ricoeur, além de tudo isso, foi um filósofo de confissão cristã protestante. Nunca escondeu sua pertença a esta tradição, como também nunca quis fazer uma “filosofia cristã”. Seu cristianismo é um “cristianismo de filósofo”⁶. Seu pensamento toca várias questões de fronteira entre Filosofia e Teologia, como o mal, a culpabilidade, a esperança, a linguagem simbólica e narrativa (numa aplicação às narrativas bíblicas), porém ele permanece sempre

⁴ Cf. J. M. GAGNEBIN, “Uma filosofia do *cogito* ferido: Paul Ricoeur”. In: Idem, **Lembrar esquecer**, p. 163-178.

⁵ Cf. P. RICOEUR, **O si mesmo como um outro**, p. 22ss.

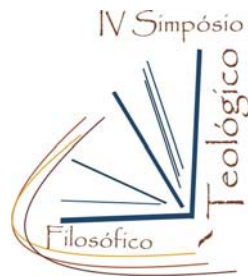
⁶ Cf. F.-X. AMHERDT, Introdução. In: P. RICOEUR, **A hermenêutica bíblica**, p. 15ss.



filósofo. Não fez concessão alguma em nome da fé, ao contrário, desenvolveu uma reflexão rigorosamente racional, ainda que admitisse que assuntos de fé pudessem ser tratados também em chave filosófica. Sabia caminhar sobre duas pernas, ligado a suas duas fidelidades: à tradição grega e à bíblico-cristã.

É nesse âmbito de interseção entre Bíblia e hermenêutica filosófica que se situam os artigos que formam a terceira parte da obra aqui em questão. O título dessa parte é *Tempo e narrativa em hermenêutica bíblica e teológica* (p. 247-299). As principais idéias apresentadas por Ricoeur em tais textos são:

1. O paradigma por ele designado de *esquema cristão* ou *Heilsgeschichte*, que abole a variedade de concepções crono-teológicas presente na Sagrada Escritura, nivelando-as na linearidade da história da salvação, não deve ser mantido como absoluto. Isto não porque a história bíblica seja desprovida de salvação, e sim devido a que tal desígnio salvífico de Deus toca de formas diversas a temporalidade humana, nela encontrando respostas múltiplas em suas formas de expressão e em seu aspecto qualitativo (positivas e negativas).
2. A temporalidade bíblica não se identifica com aquela da historiografia grega, pois engloba em si uma multiforme expressão nos gêneros literários narrativo, legislativo, poético, sálmico, profético, sapiencial, entre outros.
3. No que tange à expressão de fé própria do cristianismo, proclamação querigmática e narrativas do ministério de Jesus não são mutuamente excludentes, mas confluem e se complementam no relato dos evangelhos. Três são as “ocasiões” em que as narrativas se apóiam: o anúncio por Jesus do Reino de Deus, as controvérsias geradas por tal anúncio e a história do sofrimento (Paixão) de Jesus.



4. O que especifica as narrativas bíblicas em comparação a outras espécies do mesmo gênero é a relação que se estabelece entre texto e comunidade: a comunidade de fé se reconhece fundada sobre tais textos, neles encontra seu sentido e a eles atribui autoridade.
5. Paul Ricoeur apresenta sua aposta na validade e na oportunidade de se desenvolver uma teologia narrativa, não obstante as dificuldades que tal projeto certamente encontre.

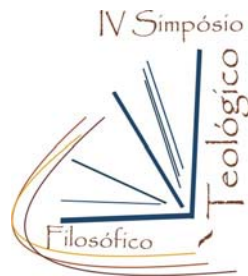
Em primeiro lugar, o autor compartilha das posições fundamentais da teologia narrativa: a recusa de uma teologia puramente especulativa ou puramente de cunho moral, bem como uma aversão a uma teologia existencialista, porém a-histórica. A teologia cristã, por mais conceitual que deva ser, não pode perder seu vínculo com as narrativas bíblicas, que são sua fonte. Deve buscar explicitar a inteligibilidade intrínseca a tais textos e não apenas extrair deles corolários dogmáticos ou morais. Além disso, não pode esquecer a dimensão histórica (e, conseqüentemente, comunitária), essencial à compreensão da multimilenar tradição em que se insere (Antigo e Novo Testamento).

Uma teologia narrativa também não se identifica com uma teologia da história, no sentido de uma *Heilsgeschichte*, linear e pontilhada de eventos salvíficos. Ricoeur prefere chamá-la de *esquema cristão*: o “esquema cronológico universal da ‘história da salvação’ na qual nós mesmos estamos incluídos”⁷. Segundo o autor, o mesmo processo que preservou as narrativas bíblicas, introduzindo-as no cânon, propiciou o desenvolvimento de tal esquema hermenêutico.

O *esquema cristão* apresenta a história como uma sucessão direta e harmoniosa de fatos humanos guiados pela Providência. Trata-se de uma leitura que procura suprimir as discordâncias, os altos e baixos, os percalços da caminhada da humanidade em vista de “uma visão de conjunto tranqüilizante fornecida pelo esquema providencial dessa grandiosa narração”⁸.

⁷ P. RICOEUR, **A hermenêutica bíblica**, p. 287.

⁸ Ibidem., p. 287.



Romper com o paradigma do *esquema cristão* seria uma das tarefas da teologia narrativa, em vista de liberar a multiplicidade de olhares sobre a história que pululam nos textos bíblicos dos vários gêneros literários.

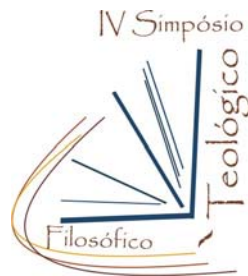
Tal empreendimento, nos tempos atuais, seria de uma tremenda importância, já que nos últimos séculos a civilização ocidental vem cada vez mais perdendo a capacidade de contar histórias, de preservar a memória, a tradição, a autoridade. Sobretudo, olvidam-se os sofrimentos da humanidade. Faz-se mister um “renascimento da narrativa”, que o autor encara como uma incumbência de caráter cristão.

Contudo, uma teologia exclusivamente narrativa não é capaz de englobar a riqueza e a complexidade de expressões lingüístico-teológicas presentes nas Escrituras. Ela precisa de contribuições dessas outras expressões para se articular num discurso teológico pertinente e relevante.

A hermenêutica bíblica de Ricoeur funda-se na confluência entre “a crítica e a convicção”, entre a leitura rigorosamente científica e a leitura confessante do texto das Escrituras, sem confusão nem separação entre tais instâncias. Ricoeur não se fixa nas preocupações do método exegético histórico-crítico (como Bultmann), mas aposta no sentido do texto em si, que manifesta o sentido da existência humana à luz de Deus. Interpretar um texto bíblico significa para ele entrar no “mundo do texto”, compreendê-lo, possibilitando experiências novas “segundo as Escrituras”. Aqui está o núcleo mesmo de seu trabalho hermenêutico: o cruzamento entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”⁹.

Ricoeur busca impedir que se cale a polifonia dos textos bíblicos em sua pluralidade de gêneros literários, de perspectivas de sentido, de concepções antropológicas e teológicas. Um esquema único não pode abarcar toda essa complexidade. Também ele se levanta contra a tendência de se reduzir a

⁹ Cf. F.-X. AMHERDT, Introdução. In: P. RICOEUR, **A hermenêutica bíblica**, p. 15-23.



Escritura a expressões puramente querigmáticas, desprovidas de formas narrativas. Defende que a análise literária dos textos “sagrados” é indispensável ao seu entendimento teológico.

Pode-se, certamente, afirmar que Ricoeur não deseja submeter os textos bíblicos às suas teorias hermenêuticas. O que faz é dialogar como filósofo e como crente com essa veneranda tradição, pondo elementos hermenêuticos a serviço inteligibilidade da fé. Aproveitando-se dos recursos da narratologia, Ricoeur conclui que as narrativas bíblicas exemplificam, intensificam e contradizem as características comuns do gênero narrativo. De um lado, compartilham de elementos deste; de outro, relatando a parceria entre Deus e a humanidade, englobam uma multiplicidade de pequenas narrativas com diferentes temporalidades, o que torna impossível aplicar-se-lhes o mesmo tratamento das narrativas “profanas”. A narrativa da Revelação, tomada como um todo, é uma metanarrativa, uma narrativa infinita, inacabada e, até mesmo, indizível, como os nomes divinos¹⁰.

A hermenêutica ricoeuriana busca também revalidar a verdade das narrativas bíblicas. Não são elas simplesmente mitológicas ou lendárias, nem expressões de fatos jornalísticos: são narrativas *quase-históricas*, são relatos de acontecimentos já interpretados, uma memória histórico-literário-teológica de um povo. Assim, também o acesso às verdades históricas sobre Jesus é mediado pela interpretação literário-teológica das primeiras comunidades cristãs¹¹.

Este é Paul Ricoeur: um filósofo e não teólogo; um cristão filósofo e não um filósofo cristão; um filósofo hermeneuta e não um exegeta bíblico; alguém que trabalha “nos limites da simples razão”, mas que deseja levar em conta toda a razão, todos os campos em que ela pode atuar; um filósofo que não rejeita o não-filosófico ou o pré-filosófico; um pensador que professa a fé cristã e que não abandona o rigor do método próprio da Filosofia.

¹⁰ Cf. Ibidem, p. 58.

¹¹ Cf. Ibidem, p. 59.



Pelo que até aqui se viu, Ricoeur tem sua contribuição a dar no campo do pensar o fenômeno religioso, sobretudo do pensar a Bíblia a partir da abordagem hermenêutica. Revela outrossim a riqueza dos temas situados nas fronteiras entre Teologia e Filosofia, fronteiras que precisam ser guardadas, mas cuja interpenetração respeitosa não deixa de ser fecunda e produtiva.

Bibliografia

Básica

RICOEUR, P. **A hermenêutica bíblica**. Introdução de F.-X. Amherdt. São Paulo: Loyola, 2006.

Complementar

FRANCO, S. G. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **O único e o singular**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.